

Na foto principal, *Snow, Glass, Apples*, de Colleen Doran, em colaboração com Neil Gaiman. A cores, *Sex is a Funny Word*, de Fiona Smyth e Cory Silverberg, e *Shuri*, de Afua Richardson. Por baixo desta legenda, dois capítulos do projecto *Mulheres na BD*, de Alice Geirinhas



FOTOS: DR

sentar os seus projectos nesse formato. Há cada vez mais artistas a trabalhar em mais do que um meio, a introduzir técnicas da arte moderna nos seus trabalhos. As exposições em galerias vão-se tornando mais populares e não são raros os trabalhos que funcionam tanto numa página como na parede de uma galeria.”

“Somos o outro”

Em Portugal, este ainda não é bem o cenário, mas algo está, definitivamente, a mudar. Há cada vez mais mulheres artistas a fazer banda desenhada, celebrando a liberdade, o arrojo e o desejo das pioneiras americanas. Em pequenas publicações ou *fanzines*, em pequenos grupos ou a sós, recorrendo a vários tipos de técnicas, inclusive ao digital. Ora expandindo a banda desenhada na direcção de outras linguagens, ou fazendo-a recolher-se numa interrogação introspectiva, mas não menos criativa.

Antes de se ficar o pé no presente, porém, inverta-se o repto de *Women in Comics: Looking Forward and Back*. Observe-se, primeiro, o passado, mais rigorosamente o período entre os finais dos anos 80 e os primeiros anos do século XXI. Foi dentro deste arco temporal que Alice Geirinhas (Évora, 1964) e Isabel Carvalho (Porto, 1977), duas artistas visuais, descobriram e concretizaram as potencialidades da BD, antes de dela se afastarem, embora não completamente.

“Foi um universo que entrou na minha vida quando era estudante de Belas-Artes, em Lisboa”, conta a primeira. “Sobretudo, gostava do discurso da banda desenhada menos comercial, daquela BD mais imperfeita, mais estranha, mais incompleta. Os *comics* dos super-heróis americanos não me interessavam de todo, e, embora conhecesse alguns autores, também não era a banda desenhada franco-belga que me atraía.”

Os desejos de Alice Geirinhas eram outros: explorar a banda desenhada enquanto cruzamento de «meios e experiências, experimentar as possibilidades do texto, da imagem e do tempo. Ainda na faculdade, na companhia de outros artistas (João Fonte Santa, José da Fonseca), descobre no *fanzine* um suporte que lhe permite controlar todo o processo criativo e de divulgação. “O nosso trabalho fugia dos cânones da banda desenhada e a informalidade desse processo permitia-nos escapar ao regime das

formando leitores para obras que lidavam com a violação, a violência masculina, as relações abusivas. Algumas podem ser lidas em *Drawing Power: Women's Stories of Sexual Violence, Harassment, and Survival*, volume editado por Diane Nomin, e vistas na exposição.”

A par desta transformação, Trina Robbins e Kim Munson assinalam outra, que vai nutrido a multiplicação de perspectivas e registos gráficos. “Em termos de produção e publicação, hoje tudo é possível. Há cada vez mais escolas que permitem aos seus estudantes de arte realizar mestradados em Banda Desenhada e apre-



Só com o movimento underground americano temas como a violação, o aborto ou a menstruação começaram a ser abordados na banda desenhada

Trina Robbins
Autora de banda desenhada



editoras *mainstream*. Realizar experiências gráficas com liberdade.” O contexto em Portugal não era, à época, dos mais estimulantes, pelo que havia que estar atento a aparições invulgares, como a da exposição dedicada ao colectivo francês Bazooka, organizada em 1986 pelo Instituto Franco-Português. “Era um grupo muito curioso, subversivo. A Olivia Clavel, que experimentava muito com BD, foi um dos elementos com quem senti mais afinidades. Essa era banda desenhada que procurava.”

Nos anos 90, a arte contemporânea, a ilustração e a banda desenhada sobrepõem-se no percurso da artista. Em 1995, na Galeria Zé dos Bois, faz a sua primeira exposição individual, *A Nossa Necessidade de Consolo é Impossível de Satisfazer*, com serigrafias que simulavam vinhetas, e começa a fazer ilustração para o semanário *O Independente*. Publica em várias revistas de banda desenhada (*Quadrado*, *Lx Comics*) e participa em exposições colectivas. Mas, nos finais dos anos 90, a disposição altera-se. O interesse de Alice Geirinhas pela BD vai esmorecendo, enquanto se afirma a sua presença no circuito galerístico da arte contemporânea.

Entretanto, já Isabel Carvalho entrara em cena. Estudante na Escola Superior de Belas Artes do Porto, descobre na banda desenhada um espaço de liberdade. “Na altura, o que dominava [na escola] era uma espécie de expressionismo abstracto, uma pintura muito matérica, que eu não compreendia”, recorda a artista actualmente representada pela Galeria Quadrado Azul. “Tratava-se, também, de um trabalho muito masculino. Fazer BD era ir contra isso tudo.

Contra as divisões entre as artes, contra um sistema demasiado masculino, contra um tipo de pintura.”

A banda desenhada dita alternativa oferecia a Isabel Carvalho uma maior liberdade na exposição dos conteúdos e na organização dos elementos gráficos. Uma leveza irrequieta e intensa. “O contacto com esse tipo de BD surgiu no Salão Internacional de Banda Desenhada do Porto, que foi muito importante para o meu percurso. Na sua edição de 2000, conheci autores e editoras. E daí surgiu um interesse mais profundo.”

Com Pedro Nora, veio a revista *Satélite Internacional*. Também publicou na *Quadrado*, mas, tal como Alice Geirinhas afastar-se-ia discretamente das pranchas e das vinhetas. “É muito complicado fazer banda desenhada em Portugal, e fui-me afastando. Voltei a contactar com a BD quando comecei leccionar um curso em 2006 na Escola Superior Artística de Guimarães, que terminou em 2012.” Desde então, Isabel Carvalho continuou a expor em galerias e a publicar livros, mas nunca mais voltou a mostrar banda desenhada. “Percebi que não podia ser artista estando nos dois mundos, que tinha de escolher um, e fui para as artes. Tenho feito banda desenhada, mas não tenho intenções de publicá-la”, revela. Também Alice Geirinhas se reaproximou do registo visual da banda desenhada, colaborando com um ensaio visual sobre as mulheres na BD portuguesa para o projecto *Estrela Decadente*, de Xavier Almeida. Mas não será rigoroso dizer que as duas artistas continuam a ser autoras de banda desenhada.

Com alguma melancolia, Isabel Carvalho recorda um momento em que a arte contemporânea partilhou o mesmo espaço com a BD, precisamente de Trina Robbins. “Aconteceu na Porto 2001 [Capital Europeia da Cultura], numa exposição comissariada por Ute Meta Bauer, a convite do Miguel Von Hafe Pérez. Chamava-se *First Story: Construir Feminino / Novas Narrativas para o Século XXI*. Foi um momento em que se derrubaram todas as fronteiras.” Dito isto, os obstáculos que encontrou e encontra por ser mulher são iguais numa e noutra área. “Tem, julgo, a ver com o elevado grau de experimentalismo e de inovação que trazemos. Somos ‘o outro’ que faz, o estrangeiro’. E por isso há sempre, no início, uma resistência, uma rejeição.”

CULTURA

“ Nem todas as autoras de banda desenhada exploram temáticas relacionadas com a sexualidade ou com a identidade

Joana Mosi
Autora de banda desenhada

Um espaço que se abriu na BD portuguesa

O ambiente mudou com o aparecimento de editoras, colectivos e projectos individuais que vêm quebrando a hegemonia masculina no meio. Mas o género, dizem as autoras, é uma categoria redutora

José Marmeleira

Isabel Carvalho e Alice Geirinhas continuam a ser leitoras de banda desenhada, sobretudo (embora não só) de banda desenhada feita por mulheres. E reconhecem que o ambiente mudou, que o espaço se abriu com o aparecimento de editoras, pequenos grupos, associações, colectivos, projectos individuais. Nomeemos alguns: a Chili com Carne, que lançou as antologias *QCDA #2000* (2014) e *Nódoa Negra* (2018), a primeira de autoras coordenada exclusivamente por autoras; a Sapata Press dirigida por Cecília Silveira, que neste momento se identifica como pessoa transgénero; o grupo do Clube do Inferno (entretanto dissolvido); os trabalhos de Joana Mosi; ou as colaborações de Marta Teives com os argumentistas Pedro Moura, André Diniz e André Oliveira.

No interior deste conjunto, agita-se uma tal diversidade de propostas e experiências que subordiná-la simplesmente à categoria de arte feminina pode ser redutor ou até enganador. Resumindo, cada caso é um caso. Hetamoé (Ana Matilde Sousa), autora que se divide entre a banda desenhada e a arte contemporânea, considera que a categoria tem “as suas limitações, em particular se encarada numa acepção essencialista de que todas as mulheres partilham algo em comum independentemente do quanto estejam separadas pelos seus contextos sociais e económicos específicos”.

A sua abordagem é particular, influenciada pela cultura e pela banda desenhada japonesas, que contrariam o cânone artístico e que lhe permitem explorar outros universos associados à mulher, “como o doméstico, o sentimental e o *cute*, ou *kawaii* (em japonês), considerados menores ou de mau gosto por existirem à margem da cultura séria mas que, ainda assim, podem tor-



Em cima, *Autumn*, uma parceria de Hetamoé com Joana Escoval. Ao lado, *Regressos*, de Marta Teives e Pedro Moura

nar-se sítios de resistência inesperados”.

Hetamoé, que produziu o livro *Autumn* com Joana Escoval (artista que actualmente tem uma exposição no Museu Coleção Berardo, em Lisboa), foi um dos elementos do Clube do Inferno e participa nas antologias acima mencionadas, ao lado de Amanda Baeza, Sofia Neto, Sílvia Rodrigues, Susa Monteiro, Dileydi Florez, Patrícia Guimarães, Joana Mosi ou Cecília Silveira.

A lista de autoras a seguir não fica por aqui: de outras publicações e

outros projectos, destacam-se Mariana Pita, Joana Estrela, Marcela Duchamp/Doisvês, Daniela Viçoso, Paula Puiú.

Desde que Alice Geirinhas e Isabel Carvalho se encontraram com a banda desenhada, o cenário alterou-se, tornou-se mais rico, mais vibrante. Entretanto, outras questões e outros problemas se levantam e se figuram, outras experiências se representam. Como as do imigrante nas bandas desenhadas de Cecília Silveira, autora que se reconhece e reivindica como pessoa *trans* num espectro masculino. Ou a da dinâmica e do atrito das relações interpessoais nos trabalhos de Joana Mosi. Ou a dos pequenos grandes dramas humanos nas histórias desenhadas por Marta Teives.

Nuances e áreas cinzentas

Será legítimo agrupar todos estes particulares sob uma mesma classificação? “É um assunto muito delicado, com muitas *nuances* e áreas cinzentas”, responde Joana Mosi. “Para mim, a afirmação do género é essencialmente necessária para nos podermos desprender do mesmo. É um paradigma, mas também me parece redutor categorizar as artistas que admiro numa etiqueta atribuída pelo género com o qual se identificam. Para mais, nem todas exploram temáticas relacionadas com a sexualidade ou com a identidade. As/os artistas que admiro influenciam-me por imensos e diversos motivos, e o facto de se identificarem como homens, mulheres, não-binários muitas das vezes torna-se apenas uma das muitas características que moldam o seu trabalho.”

Deixe-se então a interrogação: o que aproxima todas estas artistas? Numa resposta: o prazer de desenhar e escrever num papel, com liberdade, sem hierarquias e sem fronteiras. Relações inesperadas entre texto e imagem, inquietações, desejos, histórias, vidas.